

O armazém que tinha vida

Era uma vez uma loja de brinquedos grande, luminosa e cheia de brincadeiras. Numa das prateleiras mais arrumada, estavam alguns brinquedos para os quais ninguém olhava ou sequer tocava há meses e meses. Algumas bonecas, carros, aviões, bolas e ainda um pequeno cão de peluche castanho com orelhas amarelas, eram quarenta brinquedos esquecidos que ninguém queria mais. Os empregados da loja viram que eles não eram comprados, então tomaram a decisão de os arrumar num armazém velho, sujo e escuro, mesmo assustador. Para aquele armazém iam todos os brinquedos da loja que ficavam na mesma situação, já ninguém os queria comprar. O tempo passou e eles foram esquecidos, naquele local escuro e sinistro.

Mesmo ao lado abriu uma grande superfície comercial e a famosa loja de brinquedos deixou de ser o que era e o dono da loja e do armazém decidiu vender ambos os espaços. Todos foram embora e os velhos brinquedos lá ficaram esquecidos no armazém velho e sujo.

Um dia a loja foi comprada e um novo espaço comercial iria abrir naquele lugar. O novo dono decide dar uma olhadela pelo velho espaço para ver o que tinham de fazer para remodelar tudo. Ao chegar ao velho armazém, põe a chave na fechadura e por detrás daquelas portas enferrujadas fez-se luz, ouviu um ai, depois outros, ficou assustado e decidiu voltar mais tarde acompanhado. Dentro daquele armazém havia vida, os velhos brinquedos tinham feito ali a sua casa e o armazém ganhara vida desde a chegada dos quarenta brinquedos.

Uma festa foi feita pelos brinquedos, as bonecas riam e sacudiam o pó das suas roupas, alisavam os seus cabelos, os carros poliam a sua pintura, os aviões aqueciam os seus motores, as bolas saltitavam por aqui e por ali, havia esperança! A porta tinha sido aberta, alguém ia vê-los, ia gostar deles e seriam levados para uma casa. Finalmente iam ter novamente uma criança para brincar com eles. Só o pequeno cão de peluche se mantinha quieto e carrancudo no seu canto, nada o fazia mexer e quando todos riam e diziam que a sua vida ia mudar, ele abria os olhos e abanava a cabeça e por fim suspirava:

- Iludidos, estão todos enganados! Quando chegarem cá com as máquinas, não só vão destruir a nossa casa com vão empilhar-nos e vamos todos para o lixo!

O novo dono voltou, agora com alguns dos seus empregados e um pequeno rapaz de cabelo encaracolado e olhos verdes muito brilhantes. Cuidadosamente abriram as portas e lá dentro estava tudo alinhado, encontraram trinta e nove brinquedos, o mais limpos possível, todos a sorrir para eles. Num canto escuro estava o cão que completava os quarenta brinquedos, assustado, teimava em não sair do seu esconderijo, até que uma boneca mais destemida o empurra para a frente. Incrédulos, os homens não queriam acreditar no que estavam a ver! Um dos brinquedos mais atrevido perguntou se alguém o queria levar para casa, que iria portar-se bem e brincar muito!

- Vocês estão aqui há muito tempo? - perguntou o dono do armazém.

Um dos carros acelerou para perto dele e respondeu entristecido:

- Sim, estamos aqui há anos e anos, já perdemos a conta! Ficámos velhos demais, já ninguém olhava para nós na loja e as crianças procuravam coisas mais modernas, estávamos fora da moda e fomos arrumados neste velho armazém e aqui ficámos, até agora.

Atentos, todos escutavam os brinquedos a contarem a sua triste história, nem queriam acreditar, estavam mesmo a falar com brinquedos, não era possível!

- Então fica assim, amanhã vou tentar arranjar um lugar para vocês ficarem, claro que não vão para o lixo, alguma solução se vai arranjar. - disse o dono do armazém.

E voltaram a fechar a porta, lá dentro ficaram os quarenta brinquedos meio assustados, mas na expectativa de que o dono pudesse ser uma pessoa boa que iria arranjar um lar para todos.

- Como é que acham que o homem vai arranjar uma criança para cada um de nós? Vamos é todos para o lixo! Isso é o mais certo que irá acontecer! - barafustava o cão de peluche, enquanto se enroscava novamente no seu canto.

A noite foi de grande agitação, ninguém conseguia dormir, eles bem se reviravam e voltavam a revirar, mas as suas memórias eram sempre as mesmas. “Será que vamos mesmo para o lixo? Será que o cão de peluche tem razão? Estamos antiquados, sujos e alguns até com defeitos.” Lá adormeceram e alguns até sonharam com crianças que vinham até eles e brincavam, brincavam. O dia amanheceu cheio de sol e uma agradável brisa, com o amanhecer chegaram também as novidades:

- Bom dia! - chega o dono, agora acompanhado por uma senhora de vestes brancas, um véu também branco na cabeça e o pequeno rapaz.

- Bom dia! - dizem em coro os quarenta brinquedos!

- Esta é a Irmã Francisca, ela pode ajudar-nos a encontrar uma criança para cada um de vós, se todos estiverem de acordo!

- Eu sou a irmã Francisca e comigo moram algumas crianças que não têm muitos brinquedos, se quiserem podem vir brincar connosco, seria uma alegria lá em casa!

- Eu quero! Eu quero! Eu quero!!!! - dizem todos acelerando, voando, saltitando pelo armazém.

O pequeno rapaz louro dá um passo à frente à procura de alguma coisa, ele procurava o cão de peluche castanho, e pergunta ao pai se pode ficar com ele, fazia-o lembrar o velho cão lá de casa, agora já debilitado pela doença e que não conseguia brincar com ele. A resposta foi afirmativa, logo o rapaz pegou no peluche e lhe deu o nome de Pantufa como o cão lá de casa, acariciou-o e de um pulo começou a brincar com ele. Afinal havia uma vida para além do armazém, o cão de peluche ainda teve uma criança a gostar dele e a brincar com ele. Todos os outros brinquedos foram encaixotados, as bonecas reclamavam que estavam apertadas, que amarrotavam as suas roupas, os carros que estragavam a pintura, os aviões que tinham as asas presas, mas tudo seria recompensado quando estivessem com as crianças que os aguardavam.

Nesse dia, um a um foram distribuídos pelas crianças, todos encontraram alguém que gostasse deles de verdade! Todos brincaram muito

até anoitecer e dormiram juntos e sonharam, sonharam, mas desta vez só sonhos bons para todos!